

**CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA**  
**LUZ E SOMBRA - REPRESENTAÇÕES DA IDADE MÉDIA NO CINEMA**  
**2 e 3 de Dezembro de 2022**

**MONTY PYTHON AND THE HOLY GRAIL / 1975**  
**(Monty Python e o Cálice Sagrado)**

*Um filme dos Monty Python*

Realização: Terry Jones e Terry Gilliam / Argumento: Graham Chapman, John Cleese, Terry Jones, Terry Gilliam, Eric Idle e Michael Palin / Direcção de Fotografia: Terry Bedford / Direcção Artística: Roy Forge Smith / Guarda-Roupa: Hazel Pettig / Som: Garth Marshall / Montagem: John Hackney / Interpretação: Graham Chapman (várias personagens), John Cleese (várias personagens), Eric Idle (várias personagens), Terry Gilliam (várias personagens), Terry Jones (várias personagens), Michael Palin (várias personagens), Connie Booth (a bruxa), Carol Cleveland (Zoot / Dingo), Neil Innes (várias personagens), Bee Duffell, John Young, Rita Davies, Avril Stewart, etc.

Produção: Michael White Productions – Python (Monty) Pictures Limited / Cópia: digital, colorida, falada em inglês com legendas electrónicas em português / Duração: 92 minutos / Estreia em Portugal: Apolo 70, a 27 de Outubro de 1978.

\*\*\*

A **Monty Python and the Holy Grail**, primeira incursão dos Monty Python no cinema (ou, se se percebe a nuance, no formato cinematográfico), colocam-se exactamente os mesmos problemas que aos outros filmes do grupo – **Monty Python’s Life of Brian** (1979) e **Monty Python’s The Meaning of Life** (1983). Problemas que basicamente radicam numa questão de natureza. Talvez se justifique, pedindo a complacência do leitor para auto-citação, recuperar o que há uns anos escrevemos numa folha sobre **Life of Brian**: “O humor dos Monty Python não nasceu no cinema. Não é um ‘humor de cinema’, no sentido em que o foi intrinsecamente o humor dos grandes vultos do burlesco – não é um humor que precise, ou sequer que peça, as formas cinematográficas. A raiz do humor dos Monty Python está noutros sítios, no teatro (...) e sobretudo na televisão. A série **Monty Python’s Flying Circus**, a que o grupo deve a sua fama e popularidade, é um marco da história da televisão, até pela forma sabotadora em se inscrevia na lógica do funcionamento televisivo para a subverter. (...) O que esse modelo onde se desenvolveu o humor dos Monty Python implicava era uma relação privilegiada com a lógica dos “sketches”, momentos muito curtos que se entrecruzavam uns nos outros no meio do mais completo caos e por via dos mais inesperados ‘raccords’”.

Paramos aqui a auto-citação mas até a podíamos estender porque de facto **Holy Grail** e **Life of Brian** são, a nível estrutural, praticamente o mesmo filme. Resumamos apenas: se o humor televisivo dos Monty Python se funda na relação com o próprio médium que o acolhe (no caso, a televisão, os seus hábitos e estereótipos), a passagem para um formato de “filme para cinema” deixa isso pelo caminho, sem conquistar grande coisa em troca – à parte uma ou outra brincadeira (as “legendas em sueco” do genérico de

abertura, por exemplo), a relação que os Monty Python mantêm com o cinema está muito longe de se assemelhar ao que mantinham com a televisão. Por mais ou menos divertidos que sejam os seus filmes, e por mais ou menos conseguidos que sejam os “sketches” que os compõem, qualquer episódio de **Flying Circus** é melhor e mais ilustrativo das virtudes dos Monty Python do que todo o conjunto da filmografia do grupo.

Isto, como é óbvio, é dizer “mal” de **Holy Grail**, mas dizer “mal” só parcialmente. A dimensão absurdista dos Monty Python não se perde, por mais espartilhada que seja numa estrutura quase contra-natura para o seu desenvolvimento. Ao contrário do que diz um estereotipo com uma difusão surpreendentemente vasta, nada nos Monty Python é de “atrasados mentais” ou para “atrasados mentais” – estamos nos antípodas de um humor tipo Benny Hill (para colher outra referência inglesa e televisiva), e como alguém uma vez disse, muito próximos de um cruzamento entre Beckett e os irmãos Marx. Sobretudo em **Flying Circus**, a profusão de referências “culturalistas” é avassaladora e impressionantemente “transversal”.

Nos filmes, e **Holy Grail** não foge à regra, impõe-se uma vertente mais “clownesca” e mais “física”, nem sempre totalmente conseguida. Mas não impede que esta caricatura da Idade Média, revisitada em todos os seus clichés históricos, artísticos, literários, religiosos, etc, seja um filme razoavelmente divertido de seguir, e que nalguns momentos (o assalto ao castelo francês, por exemplos) ombreie sem razões de queixa com o melhor que os Python fizeram. Claro, é cansativo: para os Monty Python o humor é indissociável de um “massacre” do próprio espectador. Escola Marx pré-Thalberg.

Luís Miguel Oliveira